



AMÉRICAS

Retórica belicista eleva tensão regional

Presidente da Colômbia responde a ameaças do líder norte-americano e afirma que atacar a soberania do país equivale a declarar guerra. Analistas avaliam risco de conflito. Família de pescador colombiano morto em bombardeio denuncia os EUA

» RODRIGO CRAVEIRO

Depois de anunciar que os Estados Unidos iniciarão “muito em breve” uma ofensiva terrestre na Venezuela, Donald Trump também ameaçou atacar qualquer país que enviar drogas ao território americano. A resposta do presidente da Colômbia, Gustavo Petro, não abandonou o tom belicoso. “Venha, senhor Trump, à Colômbia. Eu o convido a participar da destruição de nove laboratórios, diariamente, para que a cocaína não chegue aos Estados Unidos. Sem mísseis, meu governo destruiu 18.400 laboratórios. (...) Mas não ameace a nossa soberania, pois acordará o jaguar. Atacar nossa soberania é declarar guerra, não prejudique dois séculos de relações diplomáticas”, avisou Petro, em publicação nas redes sociais.

A troca de farpas somou-se a imposição de sanções, por parte de Washington, a venezuelanos acusados de ligações com o cartel Tren de Aragua, incluindo a cantora e DJ Jimena Romina Araya Navarro, conhecida como “Rosita”, acusada de fornecer apoio material à organização criminosa.

O governo Trump tem se engajado em uma campanha de ataques aéreos a lanchas supostamente utilizadas pelo narcotráfico venezuelano para escoar a droga até os EUA. A família de um pescador colombiano morto em 15 de setembro negou que ele transportasse entorpecentes e apresentou uma denúncia contra os Estados Unidos na Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH).

O historiador venezuelano Miguel Tinker Salas — cientista político do Pomona College (em Claremont, Califórnia) — não descarta ações militares dos EUA na Venezuela e em outras nações latino-americanas. “A ampliação da retórica belicista de Trump, com ameaças de ataques à Colômbia e ao México, revela que o verdadeiro objetivo é o de “restabelecer a hegemonia norte-americana na América Latina”. “Como carece de influência política ou econômica, Trump usa a força militar”, disse. “A Venezuela poderá ser o primeiro alvo dos ataques de Trump, mas não será o único.”

Pós-doutor em história e sociologia e especialista do Centro Transregional para Estudos Democráticos,

Andrew Caballero-Reynolds/AFP



Trump, em reunião na terça-feira: “Qualquer um que venda (drogas) em nosso país está suscetível a ser atacado”

AFP



Gustavo Petro: “Não prejudique dois séculos de relações diplomáticas”

Palavra de especialista

"Um perigo real"

"A retórica belicista de Trump segue três princípios: reinstaurar uma nova política externa de 'grande porrete' (como a do início do século 20, adotada por Teddy Roosevelt), usando a força contra países latino-americanos que representam uma ameaça (percebida) à segurança dos EUA devido a regimes hostis ou à incapacidade de conter o que Trump considera duas forças desestabilizadoras — migrantes e organizações criminosas transnacionais. Nesse sentido, Trump recalibra a

doutrina de segurança dos EUA para priorizar a securitização do Hemisfério Ocidental, a fim de proteger as fronteiras americanas. Este é o segundo princípio. Por fim, reivindicar uma esfera de influência exclusiva na região, sem a presença de qualquer rival regional ou externo em potencial (como a Rússia ou a China). O perigo (e é um perigo real) é que estejamos testemunhando a realocação das táticas americanas usadas na guerra contra o terror, do Oriente Médio para a América



Arquivo pessoal

Latina. Assim, Trump poderia usar ataques com drones na Colômbia e no México para atingir cartéis."

EMMANUEL GUERISOLI, especialista do Centro Transregional para Estudos Democráticos (em Nova York)

Emmanuel Guerisoli afirmou ao **Correio** que não tenderia a levar a sério a ameaça contra a Colômbia. No entanto, ele lembrou que, no primeiro mandato, o republicano cogitou atacar laboratórios de cartéis no México e até mesmo enviar forças especiais, mas acabou dissuadido pelos militares dos EUA. “Durante o segundo mandato, Trump vem expurgando todas as instituições e agências de funcionários públicos considerados desleais ou contrários a cumprir

ordens. Isso também ocorreu nas Forças Armadas, forçando muitos gerais a se aposentarem. Não sabemos se algum oficial militar de alta patente se oporia a cumprir ordens para atacar cartéis”, admitiu. “Cartéis e grupos guerrilheiros colombianos foram designados como Organizações Terroristas Estrangeiras (OTE, pela sigla em inglês) pelo Departamento de Estado, o que tornaria um ataque legal.”

Guerisoli assegura que qualquer

ação militar americana na Colômbia, na Venezuela ou no México seria ineficiente. De acordo com ele, o narcotráfico global depende da imensa cadeia logística de suprimentos, infraestrutura e finanças. “Explodir laboratórios não deterá o fluxo de drogas para os EUA. As drogas não representam um problema de segurança, mas sim de saúde pública. Ditto isso, a criminalização do narcotráfico deveria ser de responsabilidade da polícia e do sistema judiciário

» Imigração na mira

militar.” O estudioso alerta que ataques dos EUA agravariam a situação. “Os cartéis poderiam recorrer a atos terroristas contra alvos americanos nos EUA ou no exterior, ou sequestrar turistas americanos em retaliação. Não vale a pena.”

Denúncia

Familiares de Alejandro Carranza, o colombiano morto em um bombardeio americano, contaram à agência France-Presse (AFP) que ele saiu da cidade costeira de Santa Marta com o intuito de pescar em mar aberto e, dias depois, foi encontrado sem vida. “Sabemos que Pete Hegseth, secretário da Defesa dos Estados Unidos, foi o responsável por ordenar o bombardeio de embarcações como a de Alejandro Carranza Medina e o assassinato de todas as pessoas que estavam nelas”, assinala a primeira denúncia formal sobre essas mortes apresentada a um organismo internacional, à qual a AFP teve acesso. “O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, ratificou a conduta do secretário.” O presidente Pedro anunciou que prestará auxílio à família de Carranza e classificou o incidente como uma “execução extrajudicial”.

O governo dos Estados Unidos suspendeu o processamento de solicitações de cidadania e residência para migrantes de 19 países, incluindo Cuba, Haiti e Venezuela. Além desses, a medida também afeta cidadãos do Afeganistão, Irã, Somália, Sudão, Iêmen, Mianmar, Burundi, Chade, República do Congo, Guiné Equatorial, Eritreia, Laos, Líbia, Serra Leoa, Togo e Turcomenistão. Alguns especialistas em legislação migratória apontaram que a nova política do presidente republicano Donald Trump deixa muitas pessoas no limbo. “Até mesmo pessoas que passaram completamente no teste de cidadania estão vendo seus casos suspensos a poucos passos da meta”, disse Aaron Reichlin-Melnick, pesquisador do American Immigration Council, em uma publicação na rede social X.

GUERRA NA UCRÂNIA

Para Trump, a vontade de Putin é fazer a paz

» SILVIO QUEIROZ

Os aliados europeus seguem apostando em armar a Ucrânia para vencer a guerra com a Rússia e repelir a invasão iniciada em 2022, mas o presidente dos EUA, Donald Trump, aposta na via das negociações e na disposição de Vladimir Putin para alcançar uma solução diplomática. No dia seguinte à reunião de seus enviados com o líder russo, no Kremlin, Trump fez ontem uma avaliação que contrasta diretamente com o tom ouvido em Bruxelas, na sede da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan, aliança militar ocidental). “A impressão deles foi de que Putin gostaria que a guerra terminasse”, afirmou, referindo-se ao enviado especial Steve Witkoff e ao próprio genro, Jared Kushner.

À saída do encontro em Moscou, Witkoff e Kushner qualificaram as discussões como “produtivas”, embora admitissem que “nada conclusivo” foi acertado quanto ao plano de paz mediado por Washington. Pelo lado russo, o porta-voz Dmitri Peskov ressaltou que, mesmo sem chegar a um acordo final, as partes encontraram pontos de convergência. “A proposta tem alguns pontos que foram aceitos”, disse. “Outros são inaceitáveis.”

Na sede da Otan, o negociador ucraniano Rustem Umerov manteve reunião com assessores de segurança europeus e anunciou que discutirá o processo nos próximos dias, em Washington, com os emissários norte-americanos. “Dei aos meus colegas informações detalhadas sobre as negociações”,

Nicolas Tucet/AFP



O secretário-geral da Otan, Mark Rutte: “Temos que reagir”

informou. “É importante que a Europa continue participando ativamente”, insistiu.

O secretário-geral da aliança

atlântica, Mark Rutte, criticou duramente o tom de Putin, que na véspera ameaçara a Europa, prometendo que a Rússia “está

pronta, se eles quiserem a guerra”. O ex-premiê holandês louvou os esforços diplomáticos da Casa Branca e, especialmente, o empenho pessoal de Trump. “Se existe alguém neste mundo capaz de romper o impasse, é o presidente dos EUA”, afirmou. Mas Rutte voltou a qualificar a Rússia como uma ameaça ao continente, lembrou que o Kremlin destina 40% do orçamento anual à defesa e voltou a cobrar dos parceiros que elevem os próprios gastos com a área para 5%. “Temos que reagir.”

O professor de Relações Internacionais Gunther Rudzit, da ESPM, avalia que o descompasso entre EUA e aliados europeus faz parte da estratégia de Putin para negociar o fim do conflito em posição mais favorável. “A busca de

Trump (por um acordo de paz) já abriu fissuras”, analisa. “Um dos objetivos da invasão da Ucrânia era enfraquecer a Europa, o Ocidente. Mas ele recebeu o contrário: a Otan saiu fortalecida, com a entrada da Finlândia e da Suécia, a Europa está agindo mais unida.”

De acordo com Rudzit, “o principal objetivo de Putin é ganhar tempo, ainda que as tropas russas estejam avançando muito devagar”. Ele pondera que o terreno conquistado neste ano corresponde a apenas 1% do território ucraniano, mas lembra que o Kremlin “tem gente para colocar no campo de batalha e morrer ou sair ferido, e a Ucrânia não tem”. Segundo o professor, o presidente russo “está jogando com o tempo, para o Ocidente se cansar e a população ucraniana também”.